

DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM ESCOLAR E HISTÓRIA VINCULAR DE ALUNOS: UM ESTUDO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E CRIANÇAS QUE MORAM EM ABRIGOS

SCHOOL LEARNING DIFFICULTIES AND HISTORY BOUND STUDENTS: A STUDY OF PEOPLE WITH VISUAL DISABILITIES AND CHILDREN LIVING IN SHELTERS

Tânia Medeiros Aciem

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Sobre os autores

Tânia Medeiros Aciem

Pedagoga e Psicopedagoga pela Universidade São Marcos;
Pedagoga Habilitada no Ensino para Deficientes Visuais pela Universidade de São Paulo;
Especialista no Ensino de Orientação & Mobilidade para Deficientes Visuais pela Universidade da Cidade de São Paulo e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie.
E-mail: tania.aciem@gmail.com

RESUMO

Este trabalho buscou associar possibilidades e causas da dificuldade na aprendizagem escolar, ou seja, a apropriação do conhecimento, à história vincular dos alunos. Os primeiros vínculos dos indivíduos com os familiares estabelecem a base de suas relações pessoais, sendo de primordial importância as relações estabelecidas desde o nascimento, e, conseqüentemente, em toda sua história vincular. Os vínculos familiares podem ser positivos e contribuir de forma significativa para diversas aprendizagens da vida. Nesse processo, podem ocorrer vínculos insatisfatórios, que propiciam privações na constituição da personalidade, porém, os vínculos modificam-se e transformam-se com a passagem do tempo. Foram analisadas seis apreciações de vínculos, 3 de pessoas com deficiência visual e 3 de crianças abrigadas, com o objetivo de associar as possíveis causas para a não incidência da aprendizagem escolar à sua história vincular. É um estudo qualitativo que procurou identificar e avaliar as dificuldades de aprendizagem decorrentes de pessoas que sofrem a privação física, no caso, do sentido da visão, como também, as que sofrem a privação do convívio familiar. O vínculo educativo, nestes estudos de casos, apresentou caminhos para transformar situações que incitam a apropriação do conhecimento. Porém, foi evidenciado que o vínculo no processo educativo requer estudos futuros, a fim de contribuir para uma melhor qualidade de vida dessas pessoas.

Palavras-Chave: Vínculo, Pessoas com Deficiência Visual, Crianças Abrigadas, Educação, Conhecimento.

ABSTRACT

This study attempts to associate possibilities and causes of difficulty in school learning, i.e. the appropriation of knowledge to the history link of students. The first links with the relatives of individuals establish the basis of their personal relationships, being of paramount importance to the relations established since birth, and consequently, throughout their history link. Family bond can be positive and contribute significantly to a different learning life. In this process, there may be unsatisfactory bonds, which provides the privation of personality, however, the bonds are modified and transformed, as time goes by. We analyzed cases of six bonds, three people with visual disabilities and three children in

shelters, with the objective of associating the possible causes for the non-occurrence of school learning to link their history. It is a qualitative study that sought to identify and evaluate the learning difficulties caused by people who suffer physical deprivation, in this case, the sense of sight, but also those who suffer deprivation of family life. The link of education, this case study, presented ways to turn situations that prompt the acquisition of knowledge. However, it was evident that the link in the educational process requires further studies in order to contribute to a better quality of life of these people.

Keywords: Bond, People with Visual Disabilities, Children in Shelters, Education, Knowledge.

1-INTRODUÇÃO

Os primeiros vínculos do indivíduo com os familiares estabelecem a base de suas relações pessoais. A família é a base para formação do indivíduo e de sua personalidade, é o alicerce tão bem descrito por Winnicot (1988), que se inicia desde o nascimento, identificado pela maneira do "segurar" o bebê, onde a mãe transmite-lhe sentimentos e emoções, ou seja, sua afirmação como pessoa, que é o alicerce de sua saúde mental. Os vínculos familiares positivos contribuem de forma significativa para as diversas aprendizagens na vida.

Pichon-Rivière (1998) define que "o vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e espaços determinados" (p.31). Toda criança necessita de um ambiente seguro e estável durante a infância, na ausência do ambiente facilitador do desenvolvimento sadio da criança, a conduz a uma privação significativa na constituição da personalidade.

O bebê não existiria em um ambiente não humano, necessita de constantes afirmações como pessoa, em seu desenvolvimento humano e não humano. Futuramente transferirá o uso do meio ambiente humano anterior, em suas relações com o meio ambiente humano atual.

Em Winnicott, (1975) o brincar liberta a criação, a personalidade integral que descobre o seu "eu" (self), em comunicação com o meio, ou seja, a subjetividade da observação e a

realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos.

Todo espaço potencial depende da experiência que conduz à confiança, entre indivíduo e a sociedade, ou o mundo no seu viver criativo. Na medida em que a criança se desenvolve, as identificações se multiplicam, tornando-se menos dependentes de obter de volta o seu eu (self).

Neste reconhecimento da criança de seu "eu" e "não eu", a contribuição que a família pode realizar quanto ao enriquecimento e crescimento de uma personalidade individual, com o desenvolvimento sadio da criança a tornará autônoma, sendo capaz de assumir conflitos.

Nesse processo de constituição dos primeiros vínculos da criança com a mãe, podem ocorrer vínculos insatisfatórios, como verificamos em Winnicott (2005), com relatos desses vínculos na época da II Guerra Mundial, crianças foram separadas das mães como forma de preservação de suas vidas. As marcas dessa separação da mãe e bebê, em alguns casos, foram irreparáveis na constituição do id.

Atualmente no Brasil, como apresenta Siqueira e Dell'Aglio (2006) a institucionalização na infância e na adolescência compõem a realidade de algumas famílias brasileiras com condições socioeconômicas desfavorecidas. A institucionalização requer ações de políticas públicas, quanto à constância e a qualidade dos cuidadores dessas crianças e adolescentes nos abrigos, a fim de que, os

vínculos estabelecidos não sejam rompidos constantemente.

Segundo Gullestad (2005) “histórias de vida estão se tornando cada vez mais populares, o modo de estudá-las está se tornando cada vez mais problemático” (p.510). A história de vida fornece um terreno fértil para um trabalho, interdisciplinar e transdisciplinar, na construção do eu. Na sociedade atual as pessoas desempenham vários papéis na estrutura social, e, constituem a identidade social que necessita da confirmação social.

Em Winnicott (2005) o luto sofrido na perda de algo poderá ocasionar um comportamento antissocial, como um sinal de esperança, um desafio a ser enfrentado, cuja cura possível poderá ocorrer com a passagem do tempo.

Nessa separação dos pais, e na não substituição para a criança de vínculos enriquecedores, pode ocasionar o não desenvolvimento de uma personalidade sadia. Os vínculos modificam-se e transformam-se com a passagem do tempo, e a aprendizagem poderá propiciar meios de significar o vínculo educativo com aprendizagens, também significativas.

Existe ligação entre a história vincular do aluno e sua apropriação do conhecimento? Qual o papel do educador frente a isso? Pichon-Rivière (1998) nos apresenta em sua investigação sobre o vínculo que “... a repetição de conflitos com o analista na situação transferencial que possibilita a ruptura da estrutura” (p.26). É notório que no início da vida acadêmica, os indivíduos passam por esta situação de transferência, onde novos vínculos são formados, para a constituição de base na apropriação do conhecimento no processo educativo.

Em Winnicott (2005) para os indivíduos em que, as relações familiares oportunizaram a criação de um bom ambiente interno, na maioria dos casos, a atuação social desses indivíduos é mais dinâmica, e condizente com os diversos papéis desempenhados. Tendo

a propensão de a aprendizagem escolar ocorrer espontaneamente, sendo o educador na expectativa desse aluno, aquele que realmente ensina.

No caso dos indivíduos que constituíram uma personalidade conflituosa, a criança estará buscando nos ambientes sociais a compensação decorrente dessa privação. Ficando a aprendizagem escolar em um plano secundário na história de vida dessas pessoas

Tanto os vínculos familiares, como os escolares são criadores, e como tal, modificam a relação dos indivíduos com o mundo exterior. Para uma análise sobre o vínculo no processo educativo é prudente atentar sobre a significação individual de cada indivíduo “fundamental descobrir qual a representação que cada um de nós tem de seu próprio mundo interno” (PICHON-RIVIÈRE, 1998, p. 35).

Batista e colaboradores (2004) apontam um estudo realizado com crianças com deficiência visual e com dificuldades na aprendizagem, focada nas habilidades dessas crianças numa avaliação assistida. A interação e as relações sociais são dependentes de contextos favoráveis, onde o vínculo enriquecedor mais uma vez está presente.

Luria (*apud* OLIVEIRA, 1993) identifica que a relação do homem com o meio físico é mediada pelos instrumentos e símbolos, ou seja, as funções mentais superiores são constituídas ao longo da vida social do homem com o mundo. A capacidade de distinguir os diferentes estímulos chama-se percepção, e no caso da pessoa com deficiência visual, a percepção visual, inexistente, ou existe em defasagem.

A interação social, no caso das pessoas com deficiência visual, é efetuada por meio dos vínculos estabelecidos em relação à afetividade, comunicação e socialização. Discriminando os ambientes e as pessoas que os cercam, devendo os profissionais envolvidos, dinamizar o processo educativo com a associação de formas perceptuais, como fonte geradora da aprendizagem em suas relações com o meio.

Pichon-Riviere (1998) define que o vínculo é uma estrutura dinâmica em pleno movimento entre o sujeito e o objeto, na totalidade da pessoa em processo de evolução.

Todo indivíduo deverá aprender a pensar por si mesmo, redescobindo a ordem e harmonia existente no universo que estão interligadas dialeticamente em três dimensões: a mente, o corpo e o mundo exterior.

O vínculo é sempre uma atitude social, que tem a noção de “papel” desempenhado, “status” e comunicação com o meio ambiente, sua relação com os objetos e suas implicações com a personalidade. A coerência indicará a maturidade e a integração do sujeito entre os diversos papéis existentes em sua personalidade, sendo preponderante em relação ao ID mais amorosa ou mais agressiva; em relação ao Ego é mais operacional tendo sentido de manipulação da realidade; já em relação ao Superego é mais culpégeno.

2- MÉTODO

O processo educativo poderá transformar positivamente a atuação dos diferentes indivíduos e suas relações sociais, com confiança em relação ao mundo e as pessoas. Tanto os vínculos familiares, como os escolares são criadores e, como tal, modificam a relação dos indivíduos com o mundo exterior.

A idade cronológica não foi considerada nesta pesquisa, pois os vínculos modificando-se e transformando-se com o passar do tempo propiciam possibilidades no contexto educativo de intervenções significativas ao decorrer da aprendizagem escolar em qualquer faixa etária. A presença de pessoas com deficiência visual partiu do pressuposto que a necessidade de vínculos positivos transcende a privação da função de um órgão, e as crianças que vivem em abrigos denunciam a privação do convívio familiar no processo educativo.

Serão apresentados 3 estudos de casos de pessoas com deficiência visual e 3 estudos de

casos de crianças que vivem em abrigos, com o intuito de avaliar a constituição dos diferentes vínculos familiares e escolares em pessoas que sofrem algum tipo de privação. Em se tratando das pessoas com deficiência visual, a privação física, por si só, compromete negativamente a aprendizagem escolar? E no caso das crianças abrigadas, a privação do convívio com a família é necessariamente o elemento desencadeador de dificuldades na aprendizagem escolar? Os estudos de casos qualitativos proporcionaram a possibilidade de verificação do processamento da aprendizagem, para essas pessoas que sofrem algum tipo de privação.

Primeiramente serão apresentados os casos das pessoas com deficiência visual (um adolescente e dois adultos), onde é notória a dificuldade de locomoção independente, e também adaptação dos outros canais perceptivos sensoriais. Quanto mais a pessoa com deficiência visual adquirir confiança para movimentar-se livremente, mais rápido conseguirá localizar-se no ambiente e formar conceitos sobre ele.

No caso das crianças abrigadas será apresentado um grupo de três crianças cursando a segunda série do ensino fundamental, que vivem de segundas às sextas feiras em um internato, possuindo família fora da instituição interna. As crianças foram acompanhadas num período de seis meses em atendimento psicopedagógico.

O método utilizado qualitativo engloba a análise de conteúdos apontados por Minayo (2010) que transcende aos conteúdos manifestos, sugerem uma interpretação dos sentidos, com explicações mais abrangentes e lógicas sobre um tema. No caso deste estudo, envolveu o vínculo no processo educativo.

Martins (2002) apresenta em seu estudo discussões realizadas sobre a tipografia de crianças e adolescentes carentes que vivem nas ruas, considerando principalmente o vínculo familiar, ou o tipo de atividade que essas crianças e adolescentes realizam.

Este trabalho seguiu as normas éticas de pesquisa na sua execução, com os consentimentos livres e esclarecidos de uma pesquisa com seres humanos. Após apresentação dos diferentes casos individuais, foi analisado se existe ligação entre a história vincular do aluno e sua apropriação do conhecimento? Qual o papel do educador frente a isso?

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desse estudo um adolescente e dois adultos com deficiência visual; três crianças que vivem numa instituição, mas que possuem família fora da instituição. Os sujeitos com deficiência visual foram atendidos em Sala de Recursos para pessoas com Deficiência Visual no Estado de São Paulo; e as crianças abrigadas dentro da instituição em que vivem no estado de São Paulo.

Foram preservados os ambientes habituais dos sujeitos com a finalidade de observação, como também, de intervenção psicopedagógica. Os sujeitos foram observados num período de seis meses, em atendimentos psicopedagógicos semanais, com três horas de duração.

Primeiro caso (M.S., 17 anos) – É uma pessoa que ficou totalmente cega aos doze anos, por Catarata Congênita. Foi criado numa cidade do interior com poucos brinquedos, e com muitas atividades recreativas como andar a cavalo. Sente-se aceito e apoiado pelos pais e irmãos, nos estudos desenvolve-se bem, com excelente memorização, trabalha atualmente como vendedor de planos de saúde, utiliza computador com sintetizador de voz. Pratica esporte com recursos adaptados para pessoas com deficiência visual e possui um bom relacionamento social.

Seus vínculos iniciais lhe proporcionaram segurança, confiança e afirmação como pessoa. Conseguiu a passagem natural da dependência para independência gradativamente. Conseguiu a criação de um

bom ambiente interno na constituição da sua personalidade, tornando-se um sujeito autônomo capaz de resolver situações emergentes no seu cotidiano. Encontra harmonia em seu ambiente e na sociedade, o que o levou a assumir responsabilidades, independente de apoios adaptativos. Nas intervenções psicopedagógicas não apresentou resistência e nem dificuldades.

Segundo caso (V.M.R., 32 anos) - É uma pessoa com deficiência visual que ficou totalmente cega, aos sete anos de idade. Está na quarta série do Ensino Fundamental, ficou muito tempo sem acesso a escola por morar no interior, não ter recursos, ser uma pessoa com deficiência visual e não ter o apoio da família para desenvolver-se.

Em seus vínculos familiares V.M.R. constituiu uma autoestima coberta de negatividade, pois é considerada, principalmente por seus irmãos, uma pessoa que jamais conseguiria ser produtiva. Seus vínculos escolares iniciais foram também prejudiciais, onde foi rotulada como uma pessoa com deficiência mental, devido à dificuldade para reter o conhecimento acadêmico. Por sua insistência consegui que sua mãe e sua irmã a acompanhassem a uma instituição, que atende pessoas com deficiência visual, onde aprendeu a locomover-se sozinha e conseguiu iniciar seus estudos.

Os vínculos familiares constituíram uma imagem destrutiva de sua personalidade e os vínculos escolares iniciais também foram prejudiciais. Nos seis meses de acompanhamento psicopedagógico foi notado um crescente progresso na aquisição dos conhecimentos, atualmente consegue ler, escrever, interpretar e resolver situações problemas.

Seu relacionamento social é restrito, e seu orgulho é estar acompanhando a aprendizagem escolar. Batista, G. (2005) acentua a importância das relações sociais para a incidência de aprendizagem. V.M.R. está sofrendo gradativas modificações e maturações

em sua personalidade em interação social, por meio de vínculos enriquecedores.

Terceiro caso (V.S.R., 23 anos) – É uma pessoa com deficiência visual, com resíduos visuais, tem Glaucoma Congênito que está estável desde os nove anos de idade. Foi criado no interior e não teve acesso à escola até os dezessete anos. Atualmente, utiliza o método braille para escrever, é professor de violão e cantor. Seus vínculos escolares nem sempre facilitaram sua aprendizagem, está na oitava série do Ensino Fundamental, encontra dificuldade na resolução de situações problemas, porém com boa abstração mental.

Pichon-Rivière (1998) define que o vínculo se constitui em constante espiral dialética e V.S.R. buscou na escola, a constituição de vínculos enriquecedores. Desde o início dos atendimentos começou a acreditar mais em sua capacidade, e também, a obter resultados satisfatórios em suas atividades escolares. A sombra da incapacidade foi desfazendo-se consegue resolver situações problemas, auxilia os colegas em suas dificuldades e escreve com confiança.

Quarto caso (K.G.S., 10 anos) – É única filha adotiva com três irmãos maiores, filhos legítimos de seus pais. É filha natural da prima da mãe, seu pai adotivo morreu quando ela tinha seis anos, era alcoólatra e agressivo. Ela vive no internato, de acordo com relatos de sua mãe, pois um dos irmãos é doente mental e não tem com quem deixá-la durante o dia.

Nos atendimentos psicopedagógicos observou-se que, a mesma, possui dificuldade no raciocínio lógico e organização seqüencial. Procura o isolamento e frequenta a segunda série do Ensino Fundamental, pela segunda vez. Seu contato com a família costuma ocorrer uma única vez, em períodos de trinta a sessenta dias, sendo seu maior vínculo afetivo as irmãs do internato. A escola para K.G.S passa a ter um papel secundário, onde ela encontra dificuldades de integração ao grupo e ao conhecimento em si.

Os profissionais envolvidos no processo educativo deverão considerar o “luto” descrito por Winnicott (2005) sofrido na separação dos pais, e levá-la a reconhecer-se como um ser individual, visando à incidência de um desenvolvimento sadio de sua personalidade, o encontro do conhecimento em si, bem como, sua integração social.

Quinto caso (E.M., 8 anos) – Trata-se de uma criança órfã de pai desde o nascimento. Vive na instituição, sua mãe apresenta dificuldade em demonstrar carinho físico, porém valoriza e incentiva as atividades criativas da filha. Anseia que a filha destaque-se no grupo social, que tenha uma vida ativa e diversificada.

Sua história vincular foi constituída por vínculos transitórios que dificultaram a estabilidade vincular, essencial nos primeiros anos de vida em consonância com Siqueira C; Dell’Aglia (2006). Possivelmente, E.M. transferiu à vida escolar, na qual apresenta dificuldade de relacionamento com os colegas, é desorganizada e insegura para escrever palavras. Repetente da segunda série.

Os primeiros vínculos de E.M., provavelmente, não incidiram numa conduta consciente, em constante espiral dialética entre o indivíduo e a sociedade, nem mesmo uma coerência dos diversos papéis desempenhados.

Durante os atendimentos foram identificadas dificuldades em lidar com outras lideranças, desorganização, dificuldade em valorizar o positivo nos outros, e, facilidade para trabalhar a seqüência lógica, participação ativa e criativa nas atividades de seu interesse, sendo uma liderança significativa no grupo. No decorrer dos atendimentos foi capaz de modificar suas atitudes agressivas e de demonstrar necessidade de carinho físico, nos diferentes vínculos estabelecidos na sua vida cotidiana.

Sexto caso (R.A.V., 8 anos) – é uma criança que vive com os avôs, órfã de pais há dois anos. Possui dois irmãos menores, tem pouco contato com a mãe. Em sua história

vincular sofreu vários tipos de perdas, privações e abandonos.

Conforme Gullestad, (2005) acentua sobre a complexidade de histórias de vidas, em R.A.V. sua história de vida ainda não favoreceu sua interação social. Vive em um internato durante a semana e nos vínculos escolares, ainda não encontrou confiança para incidência de aprendizagens satisfatórias.

No decorrer dos atendimentos mostrou-se atenciosa nas atividades, prestativa e organizada, como também, proporcionou organização ao outro e manteve a liderança de maneira positiva. Apresentou maturidade no grupo desenvolvendo com grande intensidade, o bom dentro de si de maneira latente e produtiva.

O foco deste trabalho foi formulado a partir da questão “Se Existe ligação entre a história vincular do aluno e sua apropriação do conhecimento? Qual o papel do educador frente a isso?”

Os vínculos escolares podem transformar situações consideradas insolúveis, em aprendizagem significativa, com mudanças enriquecedoras na história pessoal desses indivíduos.

Pichon Rivière (1998) acentua que o vínculo é uma estrutura dinâmica sempre em movimento, em constante espiral dialética, num processo de evolução. Envolve, desta maneira, o sujeito, objetos internos e externos, e independe da idade cronológica dos indivíduos. O vínculo está presente em qualquer faixa etária, em crianças, adolescentes e adultos, sendo capaz de modificar e transformar à ação individual dos indivíduos.

No primeiro caso M.S., pessoa com deficiência visual, que provavelmente, devido aos vínculos iniciais terem lhe proporcionado confiança e segurança, ele conseguiu aprender a pensar por si mesmo, estabelecendo a ordem e harmonia existentes no universo. Encontra grande praticidade na realização de ações mentais que emergem da prática, planejando e agindo voluntariamente para atingir suas metas.

Sua mente, o corpo e o mundo exterior estão interligados, dialeticamente, em um interjogo, entre os objetos internos e externos de sua personalidade. (Winnicott, 2005) Foi identificado antes das intervenções psicopedagógicas, que o mesmo já possuía aprendizagem escolar significativa.

Em seus vínculos escolares M.S. procura a aprendizagem, atua com autonomia na resolução de situações emergentes. No decorrer dos seis meses de atendimento foi identificado que seu equilíbrio emocional é enriquecido em sua interação social. Sua história vincular, principalmente familiar, forneceu-lhe suporte para a criação de um “bom ambiente interno”, Winnicott (2005), e seus vínculos educativos são constituídos de positividade. No processo educativo apresenta facilidades, com incidência de aprendizagens satisfatórias e grande abertura ao conhecimento.

Sua história vincular lhe proporcionou um bom ambiente interno e externo, e abertura a novos vínculos enriquecedores. Valoriza as relações pessoais e não somente a aprendizagem escolar, como também, várias fontes acessíveis ao conhecimento humano.

No segundo caso apresentado V.M.R., pessoa com deficiência visual, notamos que seus vínculos familiares ocasionaram rupturas na sua personalidade, aniquilando seus valores potenciais. Os vínculos escolares, a princípio, tiveram uma conduta limitada e reduziram relevantemente sua adaptação social. Ela acreditou ser incapaz para aprender durante muito tempo de sua vida acadêmica.

Inicialmente, o vínculo estabelecido em consonância com Luria, (apud OLIVEIRA, 1993) visou à confiança, em relação ao mundo, às pessoas e principalmente na sua capacidade de criação sobre a realidade que foi uma ação mediada. Sua melhora foi significativa, hoje consegue ler, escrever, interpretar e resolver situações problemas. Passou sete anos em uma instituição escolar, sem obter o elo dos aspectos internos e dos aspectos externos para aquisição de conceitos. Suas relações sociais

melhoraram, hoje consegue interagir em seu processo de aprendizagem, gradualmente caminha da dependência para independência em suas ações, a desesperança cedeu lugar a esperança.

No terceiro caso do grupo de pessoas com deficiência visual V.S.R foi identificado a criação de um bom ambiente interno, encontra ordem e harmonia no universo. Sua história pessoal em integração com a sociedade foi constituída por um processo de mediação e execução de ações concretas entre os objetos.

A princípio, apesar de possuir atributos úteis à aprendizagem, os vínculos escolares não oportunizaram a incidência de aprendizagem. Nos seis meses de atendimento adquiriu maior confiança em si, nas atividades escolares sentese mais seguro na resolução de situações problemas, como também, na escrita em geral.

As adaptações satisfatórias foram capazes de alterar seus sentimentos destrutivos, em experiências positivas na formação de sua personalidade, que foram identificadas nos atendimentos a incidência de aprendizagens favoráveis à sua interação social.

Nos três casos apresentados de pessoas com deficiência visual, ficou explícito que a deficiência visual não implica, necessariamente, a incidência de vínculos insatisfatórios para a aprendizagem escolar e que a ausência do sentido da visão, total ou parcial, incita a percepção tátil-cinestésica, a auditiva, a olfativa e a gustativa, descritas por Luria, (1988 apud Oliveira, 1993). Percepções estas, que deverão desenvolver-se em maior grau, pois é, por meio destes canais sensoriais que a pessoa com deficiência visual vai tomar conhecimento de si e do ambiente que a cerca.

No caso de M.S. os vínculos familiares e escolares são satisfatórios e proporcionam aprendizagem satisfatória. No entanto, no caso de V.M.R., os vínculos familiares são deficitários e o vínculo escolar está conseguindo gradualmente vitórias em sua auto-estima, que a levaram recentemente, a uma aprendizagem significativa. No caso de V.S.R., os vínculos

familiares são bons e os escolares parcialmente satisfatórios, necessitando de auxílio no processo educativo, em situações que não ocorrem espontaneamente, e que são desenvolvidas somente a partir de situações em interação social, como ocorreu na resolução de situações problema.

Nos três casos apresentados de crianças abrigadas, vale ressaltar o quarto caso de K.C.S, em que seus vínculos iniciais familiares não lhe forneceram a criação de um bom ambiente interno para a confiança em relação ao mundo e as pessoas. Seu relacionamento familiar atual é restrito e, provavelmente carregue em sua memória latente o desastre ocorrido com seu eu self. Buscando na escola não a aprendizagem em si, e sim, a compensação das privações decorrentes de sua história vincular. Winnicott, (1975) salienta como um impedimento de uma comunicação eficaz com uma interação subjetiva da observação com o mundo externo.

Os vínculos escolares, ainda são insatisfatórios, K.C.S procura isolar-se encontra dificuldade de integração ao grupo e ao conhecimento. Seu papel diante de grupos sociais é de defesa com inibição de seu viver criativo, com pouca oportunidade de brincar com aquilo que está fora de si. Os atendimentos incitaram a liberdade do brincar e sua criação em comunicação com o meio ambiente. Ela conseguiu alguns avanços identificados na seqüência lógica, jogos com regras e na dramatização com aprendizagem significativa.

O quinto caso apresentado E.M., criança abrigada, seus vínculos familiares não lhe proporcionaram uma conduta consciente em constante espiral dialética refletindo dificuldades de relacionamentos com os colegas, desorganização e insegurança para escrever. Recorrendo a literatura, em Pichon-Rivière (1998), provavelmente, E.M. não encontrou nos indivíduos e na sociedade coerência entre os diversos papéis desempenhados em sua personalidade.

Em sua vida social quer sempre liderar com atitudes agressivas, encontra dificuldades

em lidar com frustrações e confrontos. Durante os seis meses de atendimento, o vínculo estabelecido procurou proporcionar segurança, confiança para que mesma relacione-se com seu interior.

Gradualmente modificações satisfatórias ocorreram, sua agressividade transformou-se em constante necessidade de carinho físico, pode brincar com seus sonhos com uma experiência criativa para sua afirmação social. Encontrou facilidade em trabalhar a seqüência lógica, a escrita, a participação social e um melhor aproveitamento de sua liderança para aspectos construtivos.

Apresentou muita resistência ao contato físico e quando falhava nas atividades, ou não conseguia realizá-las, culpava o outro, ou a orientação inadequada. Sua aprendizagem escolar é insatisfatória, porém no decorrer dos atendimentos passou a utilizar a escrita como recurso para expor seus pedidos de desculpas e demonstrar sua necessidade básica de afeto. Diminuiu também sua agressividade, passando a admitir algumas frustrações decorrentes de seus erros e dificuldades, comuns a todos os seres humanos. Minimizando atitudes antissociais, descritas por Winnicott (2005), que ressaltam o luto sofrido e a esperança de superação do mesmo, como um sinal de esperança.

O sexto caso, R.A.V, criança abrigada, em sua história vincular sofreu vários tipos de perdas, privações e abandonos, atualmente convive com seus avôs e irmãos. Sua avó procura atender as suas necessidades, porém faz uso de comparações entre os membros da família, que são destrutivas a sua personalidade.

Seus papéis nos diversos meios sociais divergem, não apresentando coerência no interjogo dialético de Pichon-Rivière (1998). Os vínculos escolares não lhe proporcionam confiança para incidência de aprendizagens satisfatórias ao seu processo de ensino escolar.

Durante os meses de atendimentos foi realizado um acentuado trabalho de associação entre o que é divergente e o que é semelhante, com exercícios que envolveram atenção e a

seqüência lógica. Conseguiu avanço notório na atenção, organização e na empatia, desenvolveu o bom dentro de si alterando situações negativas de privações, com coerência entre os vários papéis desempenhados pertencentes a sua personalidade.

Nos três casos apresentados de crianças abrigadas ficou explícito que, em geral, as mesmas apresentam defasagem na aprendizagem escolar, pois sua história vincular geralmente é deficiente, e contribui negativamente para a formação da personalidade integrada. Segundo Siqueira C; Dell'Aglio (2006) a institucionalização na infância, muitas vezes, não propicia a constituição de vínculos constantes, o que dificulta a constituição da personalidade.

Em K.C.S. os vínculos familiares e escolares são inibidores de seu brincar criativo, após os atendimentos conseguiu atuar de maneira mais objetiva e significativa em seu contexto social. Em E.M os vínculos iniciais incidiram a sua não afirmação como pessoa, e nos escolares ela repetia essa carência retardando sua aprendizagem escolar, no final dos atendimentos se deu oportunidade para aprender mais sobre o mundo. Já em R. A.V. em sua história vincular sofreu privações para a constituição de um bom ambiente interno, os vínculos educacionais estavam reforçando essa privação, nos atendimentos conseguiu liberar o brincar criativo e confrontar o amor e o ódio. Após os atendimentos 5 dos seis sujeitos estudados indicaram a presença de aspectos significativos para a aprendizagem escolar.

4- CONCLUSÃO

Com a apresentação deste trabalho qualitativo, é possível refletir e avaliar a importância da história vincular dos diferentes alunos, tal como, o processo para aquisição do conhecimento em uma apreciação do vínculo no processo educativo. Os vínculos educativos, quando satisfatórios incitam a aprendizagem nos diferentes indivíduos em processo de evolução,

constituindo a base para o encontro com o conhecimento.

Nos diferentes estudos de casos apresentados com faixas etárias variáveis, como também, diferentes contextos sociais o vínculo esteve presente com poder de transformar o processo. Quando ocorreu a incidência de vínculos positivos os mesmos proporcionaram sentimentos, emoções e transformações benéficas ao crescimento pessoal e social das histórias vinculares analisadas.

Nos seis casos apresentados foi identificado que antes dos atendimentos, apenas um deles tinha aprendizagem escolar significativa. Após o período de seis meses de atendimento, cinco pessoas modificaram seu comportamento quanto à aprendizagem escolar. Cinco pessoas obtiveram aprendizagem escolar significativa e somente uma pessoa continuou com aprendizagem escolar não significativa.

No caso das pessoas com deficiência visual, os vínculos educativos deverão ter claro que, a ausência total ou parcial da visão, não lhe favorecem a aprendizagem por imitação, sendo considerada uma privação, que em maior grau faz-se necessário um treinamento adaptativo para sua interação ao meio.

O sucesso ou insucesso, da história vincular da pessoa com deficiência visual determinará sua aprendizagem e, a base dos seus sentimentos, daí a importância de transmissão de sentimentos prazerosos e incentivadores que favorecem sua autoestima, seus sentimentos sociais, e, conseqüentemente, sua atuação na realidade.

As crianças abrigadas que vivem em internato e possuem família fora da instituição interna, nos estudos de casos analisados, sofreram diferentes tipos de privações, principalmente na separação dos membros familiares por um longo período.

As crianças passaram por um “luto” sofrível, descrito por (WINNICOTT, 2005) que, possivelmente, estará presente em sua aprendizagem escolar. A dependência no

princípio da vida humana é absoluta, não se estabelecem as relações do “eu” e do “não eu”, e os apoios adaptativos são construtores da passagem da dependência para independência, e de suas ações sobre o mundo.

O educador deverá valorizar e estimular a criatividade em seu grupo de atuação, como também, identificar os diferentes sujeitos como seres individuais na composição de seu grupo.

Ainda na constituição dos primeiros vínculos afetivos, a criança com dependência absoluta não encontrou segurança e confiança em relação ao mundo e às pessoas. Os vínculos educativos podem amenizar as perdas decorrentes em sua história vincular, transformar a privação sofrida e mediar à reconstituição do “eu” nos diferentes indivíduos que se ocultou anteriormente.

Os estudos de casos apresentados de pessoas com deficiência visual e crianças abrigadas, possuem em comum a relevância para aquisição do conhecimento de bons vínculos educativos. A aprendizagem significativa dos diferentes indivíduos independe da faixa etária e da presença da deficiência visual.

O vínculo educativo, quando eficaz, transforma situações decorrentes da falta de confiança em segurança para atuar no mundo, modificando a personalidade e capacitando alternativas para o encontro com felicidade, que em alguns casos, ficou ocultada. Facilitando a incidência de sentimentos de pertinência ao grupo social, numa atuação transformadora das aprendizagens cotidianas no processo educativo.

Este artigo tentou abrir caminhos considerando o processo educativo que transforma significativamente a vida das pessoas em constante espiral dialética. Esses estudos de casos colaboram para o conhecimento científico sobre os vínculos familiares e escolares, requerendo estudos futuros para uma maior delimitação do problema.

5- REFERÊNCIAS

GULLESTAD, M. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 509-534, 2005

MARTINS, R. A. Uma tipologia de crianças e adolescentes em situação de rua baseada na análise de aglomerados (*Cluster Analysis*) **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, n. 2, p. 251-260, 2002

MINAYO, M. C. S. (org). Pesquisa Social Teoria, método e criatividade. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes. 2010, 108 p.

OLIVEIRA, M. K. **Aprendizagem e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. Scipione. São Paulo, 1993

PICHON-RIVIERE, E. **Teoria do Vínculo**. São Paulo, Martins Fontes, 1991

RIBEIRO, D. C. Autonomia: viver a própria vida e morrer a própria morte. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 1749-1754, 2006.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. **Psicologia & Sociedade**. Rio Grande do Sul, v.18, n. 1, p. 71-80, 2006.

WINNICOT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1975

WINNICOT, D. W. **O Bebê e suas mães**. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1988

WINNICOT, D. W. **Privação e Delinquência**. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 2005